

Índios contra hidrelétrica no Xingu

Governo brasileiro retoma estudos para a construção da usina de Belo Monte, que pode trazer vários riscos ao ecossistema

Ronaldo Brasiliense
Da equipe do Correio

Índios caiapós e ambientalistas de todo o país estão em pé de guerra com a decisão do governo brasileiro de retomar ainda este ano os estudos para a construção de uma nova usina hidrelétrica na Amazônia — Belo Monte, no rio Xingu, estado do Pará. A nova usina — que consta do Projeto 2.010 da Eletronorte (Centrais Elétricas do Norte do Brasil) vai inundar uma área de 440 quilômetros quadrados e produzirá, a plena carga, 11 mil megawatts.

“Apesar de a usina de Belo Monte inundar uma área relativamente pequena se comparada à de Tucuruí, por exemplo, e gerar muito mais energia, abre um precedente perigoso para a construção de um complexo de seis usinas no rio Xingu, com danos ambientais imprevisíveis”, alerta o pesquisador Philip Fearnside, doutor em ecologia, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), com sede em Manaus (AM), um dos maiores especialistas em impacto ambiental provocado por barragens nos rios da Amazônia.

APREENSÃO

O receio dos ecologistas de que um novo desastre ambiental está a caminho é justificado. A barragem de Tucuruí, no rio Tocantins, inundou uma área de 246 mil hectares (2.460 kms quadrados) para produzir 8.400 megawatts de energia.

O lago formado sepultou, segundo cálculos de engenheiros florestais, mais de US\$ 1 bilhão em madeira nobre, com graves prejuízos para os cofres do país.

Outra grande hidrelétrica construída na Amazônia — Balbina, no rio Uatumã, estado do Amazonas — é considerada por ambientalistas do mundo inteiro como um dos maiores desastres ecológicos da história da Amazônia.

O reservatório de Balbina inundou uma área de 240 mil hectares, sepultou sítios arqueológicos, tudo isso para produzir pouco mais de 120

megawatts, energia insuficiente para abastecer sequer o distrito industrial da Zona Franca de Manaus.

“O problema em se construir Belo Monte é que se abre espaço para a construção de outras seis hidrelétricas no rio Xingu, inclusive Babaquara — que inundará seis mil quilômetros qua-

drados — e Jarina, que vai inundar parte do Parque Nacional do Xingu”, avisa Philip Fearnside.

O primeiro passo para se definir a construção da barragem de Belo Monte deve ser dado nas próximas semanas quando equipes técnicas da Eletrobrás e Eletronorte montarão o modelo para a formação de um consórcio com a iniciativa privada para a execução do projeto.

O governo federal adiantaria os recursos necessários para a implantação do canteiro de obras, contrataria os primeiros serviços e encomendaria as máquinas até que fossem definidos os investidores privados.

“O PROBLEMA EM SE CONSTRUIR BELO MONTE É QUE SE ABRE ESPAÇO PARA A CONSTRUÇÃO DE OUTRAS SEIS HIDRELÉTRICAS NO RIO XINGU”

Philip Fearnside,
doutor em ecologia do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia



Índios caiapós: construção da usina afetará a vida da comunidade e poderá abrir precedente para a instalação de mais seis hidrelétricas na região

Toda a energia de Belo Monte, pelo que define o projeto da Eletronorte, será destinada a atender à demanda dos sistemas Centro-Oeste-Sudeste-Sul, que seriam interligados. Pelo que consta do Plano 2.010 da Eletronorte, a hidrelétrica de Belo Monte estaria concluída em 2.005.

A construção da hidrelétrica de Belo Monte no rio Xingu chegou a ser anunciada ao final da década de

80 — com o nome de Cararaô — mais foi embargada por pressão de ambientalistas sobre o Banco Mundial (Bird), que financiaria parte da empreitada.

MEMÓRIA

Índios e ecologistas apontaram ao Bird sérios danos ao meio ambiente que a barragem provocaria, inclusive a inundação de boa parte da reserva indígena Caiapó,

no município de São Félix do Xingu, sul do Pará.

Os índios caiapós, liderados pelo cacique Paulinho Paiakan, chegaram a organizar em Altamira (PA), às margens do rio Xingu, o I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, que contou com a participação de ambientalistas do mundo inteiro e, inclusive, com o roqueiro inglês Sting.

Durante o encontro, a índia Tuf-

ra — irmã de Payakan — ameaçou o diretor de Operações da Eletronorte com um facão, imagem reproduzida nos principais jornais e cadeias de televisão da Europa e Estados Unidos.

“A única concessão que a Eletronorte fez àquela altura foi trocar o nome da hidrelétrica de Cararaô — um grito de guerra Caiapó — para Belo Monte”, recorda o ecologista Philip Fearnside.